

Fios e fios e fios

Por Renan Ji¹

Na peça *Memórias arpilleras*, da Cia. No Solo, a metáfora dos fios conecta o imaginário feminista a gestos de memória, narrativa e conhecimento histórico. Quando a adolescente Açucena (Ana Clara Machado) é obrigada a passar uma temporada na casa da avó Violeta (Lusiane Veloso), vemos que o conflito geracional será o mote para a troca de referências sobre a história e a cultura das mulheres. Entretecidas em fios temáticos, tais referências culminarão num encontro não com a alteridade (ou seja, a neta aprendendo o que não sabe com a avó e vice-versa), mas sim com a identidade entre mulheres de diferentes tempos e culturas.

A dramaturgia dos fios se realiza no tema e na estrutura do espetáculo. A iniciação feminista de Açucena começa na arte da arpillaria que Violeta pratica no seu sítio: antiga arte do bordado de mulheres chilenas, que durante a ditadura de Pinochet expressavam sua realidade e vivências num momento político de grande repressão e silenciamento. Além da crítica política, elas bordavam cenas que representavam sua própria cultura, representando, assim, uma forma de resistência política e de memória do feminino.

Do primeiro fio das arpilleras – como são chamadas as telas a serem bordadas pelas mulheres chilenas de Isla Negra –, a peça puxa múltiplos fios e envereda para personalidades femininas brasileiras. A cada embate entre avó e neta, os assuntos abordados servem para que fios históricos sejam puxados em diversas direções, desde a história da escravidão com Dandara dos Palmares, à cultura pop com as cantoras Iza e Elza Soares; de Maria Quitéria a Maria da Penha, passando por Anita Garibaldi, mostrando-nos formas diversas de luta revolucionária;

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como crítico de teatro desde 2011, participando de festivais nacionais e internacionais em São Paulo (MITSp), Wrocław (Theatre Olympics, Polônia) e Wuzhen (Wuzhen Theatre Festival, China). É membro da Questão de Crítica, revista eletrônica de críticas e estudos teatrais.

das poetas Cora Coralina e Cecília Meireles ao rap – cantado em cena por Violeta e Açucena.

A estratégia dos fios surge como um *modus cênico* interessante para costurar as inúmeras referências históricas e artísticas. No entanto, a peça dirigida por Cy Medeiros, em vários momentos, corre o risco do enciclopédico. Na tentativa de abarcar todas as personalidades femininas, num esforço reconhecidamente louvável, a dramaturgia por vezes incorre na citação excessiva, o que pode deixar plateias infantis (e adultas) um pouco assoberbadas com tantos nomes e contextos históricos diferentes. Tal aspecto afeta também o plano temático: o título *Memórias arpilleras* remete a uma reflexão e prática feminista cujas especificidades se perdem um pouco no caudal de mulheres e contextos, tornando-se apenas um pretexto inicial para que a peça se inicie, ficando sem muito tratamento no restante do espetáculo.

Porém, em outros momentos da montagem, vale mencionar que avó e neta se unem por um fio muito especial: a música. Espécie de fio em destaque na dramaturgia, a música surge no canto e nas melodias tocadas pela terceira personagem da história, a fada Flor. Ela vive apenas na imaginação da avó Violeta, sendo responsável pela sonoplastia e pela base musical de todas as canções da peça. Com a fada, aprendemos que a herança do feminino está dentro de cada mulher como uma música interna. O feminismo de Violeta, por exemplo, reverbera as notas de Chiquinha Gonzaga; os novos tempos trazidos pela geração de Açucena se veem embalados pela introdução de “Mulher do fim do mundo”, de Elza Soares. Nesse sentido, a presença da fada Flor, interpretada por Julie Centeno, me parece um agente lúdico que ajuda em alguma medida a costurar todas as referências do espetáculo. A musicalidade traz diversos elementos cênicos que matizam as citações algo excessivas da peça.

Com a fada Flor, o espetáculo *Memórias arpilleras* nos traz a necessidade de reencantar o cotidiano, de forma a buscar saberes e sensações para além da tirania do corpo e da internet – da qual Açucena parece ser vítima. É imprescindível para o feminismo lembrar e registrar os feitos de suas pioneiras; mas é com a imaginação (encarnada na Fada Flor) que novas formas de resistência e sensibilidade podem surgir.